



Sigatoka Negra: Uma Análise Epidemiológica Comparativa entre o Trópico e o Subtrópico da América Latina e Caribe

Wilson da Silva Moraes¹ e Mario Orozco-Santos²

¹MAPA/SFA-SP/APTA - Polo Regional Vale do Ribeira, Registro, São Paulo, Brasil: wilson@apta.sp.gov.br;

²INIFAP - Campo Experimental de Tecomán, Colima, México: orozco.mario@inifap.gob.mx

Bananas e plátanos são cultivados em várias regiões tropicais e subtropicais do mundo. A Sigatoka Amarela e a Sigatoka Negra são as principais doenças foliares que afetam a cultura. Apesar da origem comum, nas ilhas Fiji, a distribuição dessas doenças ocorreu desde 1902 e 1963, respectivamente, ao longo, acima e abaixo, da linha do Equador, atingindo a América Latina e o Caribe. Em algumas áreas, ambas as doenças coexistem, sendo que a Negra eventualmente substituiu a Amarela. No entanto, a dominância de uma sobre a outra está em função da temperatura. A Amarela tem sido observada em condições mais frias do que a Negra. Na Colômbia, há relatos a 1.500 m, que a Sigatoka Negra tem sido tão severa quanto em terras baixas, porém, nestes casos, ambas as doenças coexistem. Na América Central, a severidade da Sigatoka Negra foi suficiente para substituir a Amarela em quatro anos e quadruplicar as aplicações de fungicidas. Nas regiões tropicais úmidas, onde predominam climas do tipo *Af*, *Am* e *Aw* (tropical úmido com estação seca de inverno), como na Costa Rica, México, Colômbia e Panamá, a severidade da Sigatoka Negra está intimamente relacionada com quantidade das chuvas e com temperaturas entre 26-28 °C. Estes fatores influenciam o comportamento epidêmico da doença, pois reúnem condições favoráveis à liberação de inóculo (ascosporos) e à intensidade das infecções, além da disponibilidade de tecido suscetível ao longo do ano. Em contraste, nas regiões tropicais secas, como no ocidente do México, Equador e República Dominicana, a doença apresenta um comportamento cíclico, com maior severidade na estação chuvosa e menores níveis de infecção no período seco. No Brasil, a Sigatoka Negra chegou em 1998, pela região Amazônica, onde predomina o clima tropical úmido ou equatorial, mas atingiu os bananais comerciais do Vale do Ribeira, SP, em 2004. Estes bananais estão localizados em regiões subtropicais, onde predominam o tipo climático *Cfa*, ou seja, clima temperado úmido com verão quente, segundo a classificação de Köppen-Geiger. Dez anos após, a doença foi constatada em todos os estados da região Sudeste e Sul, exceto na região Nordeste e no norte do estado de Minas Gerais, onde predominam o clima semi-árido quente (*BSh*). Porém, seu comportamento tem sido parecido com o que ocorreu no resto do mundo, adaptando-se melhor e mais rapidamente em terras mais baixas, sendo mais severa no período chuvoso com temperaturas elevadas e menos severa no período menos chuvoso com temperaturas baixas. Invernos frios e menos de chuvosos têm permitido a permanência da Sigatoka Amarela no país, que tem se mostrado mais severa às margens dos rios, principalmente, quando coexiste com a Sigatoka Negra.

Palavras-chave: *Mycosphaerella fijiensis*, *Musa* spp. Doença foliar.